

## **A INFLUÊNCIA DA VINDA DA FAMÍLIA REAL PORTUGUESA PARA O BRASIL NO CONTEXTO DA INDUMENTÁRIA E MODA COM ASPECTOS CULTURAIS, SOCIAIS E COSTUMES**

Fernanda Correa Bernardo (PIBIC/UEM), Ronaldo Salvador Vasques (Orientador), e-mail: ra107340@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Tecnologia/ Cianorte, PR.

**Área Artes e subárea do conhecimento História da Arte**

**Palavras-chave:** indumentária, família real portuguesa, século XIX

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo analisar a influência da vinda da família real portuguesa e sua Corte para o Brasil sobre a moda no país. Para tanto, realizou uma revisão bibliográfica sistemática (RBS) e uma pesquisa de campo em quatro museus do Rio de Janeiro. Como resultados, tanto a revisão bibliográfica quanto a coleta de ilustrações e indumentárias da época nos museus permitiram discutir as diversas influências que a sociedade brasileira recebeu, desde a importação de tecidos da Europa, até a adaptação da moda francesa para tecidos mais leves, em função do clima tropical e o hibridismo cultural na moda.

### **Introdução**

A história traz elementos importantes para análises dos contextos sociais, econômicos e culturais que marcam a evolução das mais diversas áreas. A moda é uma dessas áreas que tem usado a história como método para a reconstrução temporal e espacial das influências que impactaram os costumes e a indumentária de uma época (BRAGA, 2006).

Nesse sentido, este artigo objetivou analisar a influência da vinda da família real portuguesa e sua Corte para o Brasil sobre a moda no país. Para tanto, foram verificados fatos que determinaram o hibridismo cultural e que influenciaram a sociedade brasileira. Pode-se dizer que a indumentária do Brasil Colônia é uma das provas dessa influência e reflexo desse hibridismo. Para Cidreira (2005), o vestuário utilizado na época era reflexo da cultura e costumes das classes sociais e a influência europeia era evidente. Contudo, foi possível observar algumas adaptações decorrentes do clima tropical e da dificuldade de importação de tecidos.

Para localizar material que ilustrasse o período, foi realizada uma revisão bibliográfica sistemática (RBS) e visita aos acervos do Museu da Chácara do Céu, Museu Histórico Nacional, Museu Nacional de Belas Artes, localizados na cidade do Rio de Janeiro e o Museu Imperial, localizado em Petrópolis.

Tanto o material bibliográfico quanto o documental, registrado por meio de pinturas e indumentárias, serviram para a análise apresentada neste artigo.

## Materiais e métodos

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira foi realizada uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) seguindo o método *Roadmap*. Foram utilizadas as bases de dados BDTD e JSTOR e o metabuscador Google Acadêmico. Os *strings* “corte portuguesa”; “brasil século XIX”; “Brasil colônia”; “Imperial Family” foram usados para as buscas, resultando em 21 documentos que integram a RBS. Na segunda etapa ocorreu a pesquisa de campo nos quatro museus já mencionados, onde foram coletados registros fotográficos de ilustrações e indumentárias do período.

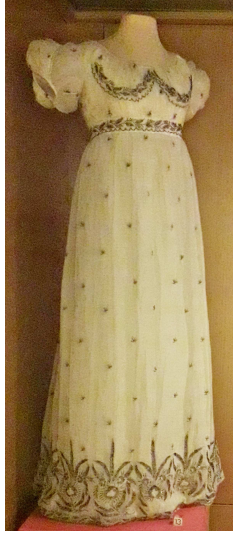
## Resultados e Discussão

A vinda da família real para o Brasil foi essencial para a difusão da moda europeia no país, pois a presença da Corte portuguesa intensificou a vida social na colônia e com a abertura dos portos foram disponibilizados diversos produtos importados da Europa, desenvolvendo assim o comércio e propagando os costumes europeus (FARAH, 2019; SILVA, 2009).

No que a Colônia ia se tornando o centro do império português, ficava mais expressiva a influência europeia no vestuário da população. Os produtos mais valorizados vinham da Inglaterra e da França. No entanto, segundo Farah (2019), D. João suspendeu em 1808 as relações com a França até 1814, quando se deu a assinatura do tratado de paz. Nesse período, em Portugal e, conseqüentemente no Brasil, foi considerado indecente utilizar trajes a moda francesa (SANTOS, 2015). Mas, o que foi considerado indecente até a assinatura do tratado, mudou completamente. A França voltou a ditar a moda, pois o traje francês voltou a ser sinônimo de bom gosto e luxo (SILVA, 2009). Este tratado possibilitou a Missão Artística Francesa, que tinha como objetivo promover a cultura e arte no Brasil – colônia, o que acabou influenciando também o modo de vestir da população local (FARAH, 2019; SHULTZ, 2008).

A indumentária utilizada na colônia era espelho da moda europeia, mesmo com o clima dos trópicos, a moda em vigor era conhecida como Moda Império e tinha como referência de estilo a Imperatriz Josephine, esposa do Imperador francês Napoleão Bonaparte (FARAH, 2019). O desejo da sociedade do Brasil Colônia de exibir os costumes europeus, por meio das roupas, sem a adequação ao clima quente brasileiro, fazia com que vestissem trajes que não condiziam com o calor do país. Porém, aos poucos, foram introduzidas peças mais adequadas ao clima tropical e adaptadas peças da moda europeia para a colônia. Essas adequações eram mais usadas dentro das casas, onde era permitida a utilização de peças em tecidos mais leves, como a cambraia de linho (SANTOS, 2015). A figura 1 traz um exemplo dessa adaptação.

Figura 1- Vestido de cambraia com bordados em ouro e prata de 1818



Fonte: fotografia de arquivo pessoal da pesquisadora feita no museu histórico nacional

De acordo com Santos (2015), os viajantes relatavam o modo de vida da Corte como luxuosa, porém excessiva e com muito desperdício. A elegância da Corte Portuguesa foi comparada a da corte de Luís XV, por Edmundo (2000), porém não tão exagerada. Enquanto a Corte esbanjava tecidos importados e luxuosos, aos escravos restringia-se o uso do algodão. No entanto, como a sociedade colonial preocupava-se muito com *status*, a indumentária dos escravos também refletia a posição social do seu senhor, chegando a utilizar joias e adornos (SANTOS, 2015; SILVA, 1977). Segundo Farah (2019), a cultura africana é um componente de extrema importância na construção da identidade brasileira. Chegavam ao Brasil, vindos de diversas regiões, nus pois seus corpos eram a única bagagem que lhes permitiam. Mesmo assim conseguiram manter diversos elementos de suas culturas vivos, muitos desses elementos foram incorporados e, hoje, fazem parte da identidade brasileira. Sua indumentária era composta muitas vezes de peças reaproveitadas de seus senhores e também de elementos de diversos lugares. Alguns elementos da cultura africana que compunham a indumentária eram as marcas desenhadas nos corpos, que tinham função ritualística e de identificação da nação de origem, os penteados, o *alaká*, pano que era amarrado ou pendurado e também era forma de identificação de nação e *status*, o *tojão*, outro tipo de tecido que era amarrado a cintura, utilizado para dar mais força para a realização de trabalhos mais pesados (FARAH, 2019).

A chegada da família imperial e consequente abertura dos portos propiciou a modernização do Rio de Janeiro e o aumento da vida social na colônia. Aos poucos as mulheres começaram a participar de eventos sociais e, com isso tiveram de aprender a se comportar nestes espaços, se adequando aos hábitos europeus, que eram ensinados nas páginas dos periódicos (GAGLIARDO, 2016). Os espaços de convivência eram muito importantes, pois esses espaços eram “onde poderiam ocorrer uma apropriação e

reconstrução de referências culturais a partir de exemplos de civilidade presentes, como as roupas” (JULIO, 2008, p.2-3).

O comércio foi um fator de extrema importância para essas trocas. Por meio dele chegavam produtos de diversos países, possibilitando não só à elite, mas também às demais classes sociais, a compra desses produtos importados, por meio do crédito. O vestuário neste sentido teve a função de comunicar e aproximar, permitindo uma aproximação dos costumes europeus. A apropriação desses elementos gerou um hibridismo cultural ainda presente na sociedade brasileira (JULIO, 2008).

## Conclusões

Existe uma lacuna muito grande de documentos que retratam o período entre a vinda da família real para o Brasil e o seu retorno, o que dificulta a historiografia da indumentária no período. No entanto, é evidente, a influência europeia e as adaptações no vestuário decorrentes do clima tropical. Também fica perceptível o reflexo do hibridismo cultural na sociedade brasileira na colônia, devido às influências europeias e africanas.

## Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador pelo apoio e orientação e a Fundação Araucária pelo fomento que permitiu a pesquisa de campo.

## Referências

- EDMUNDO, L. **O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis – 1763-1808**. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.
- FARAH, M. S. **Jean-Baptiste Debret: o vestir feminino na transição do Brasil**. 2019. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- GAGLIARDO, V. C. **Imprensa e civilização no Rio de Janeiro oitocentista**. Tese – UNESP, Franca, 2016.
- GONÇALVES, M. A. Artifício e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 3, p. 613-628, 2005.
- JULIO, K. L. O aprender e o ensinar–possíveis “leituras” através das indumentárias e jóias. V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008. **Anais...**2008
- SANTOS, G. M. C. **A estética da moda de luxo da corte portuguesa no vestuário feminino no Rio de Janeiro do início do século XIX**. 2015. 366 f., il. Tese (Doutorado em Artes), Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- SILVA, C. B. **O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.
- SILVA, M. B. N. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821**. São Paulo, Ed. Nacional; 1977. 272 p.